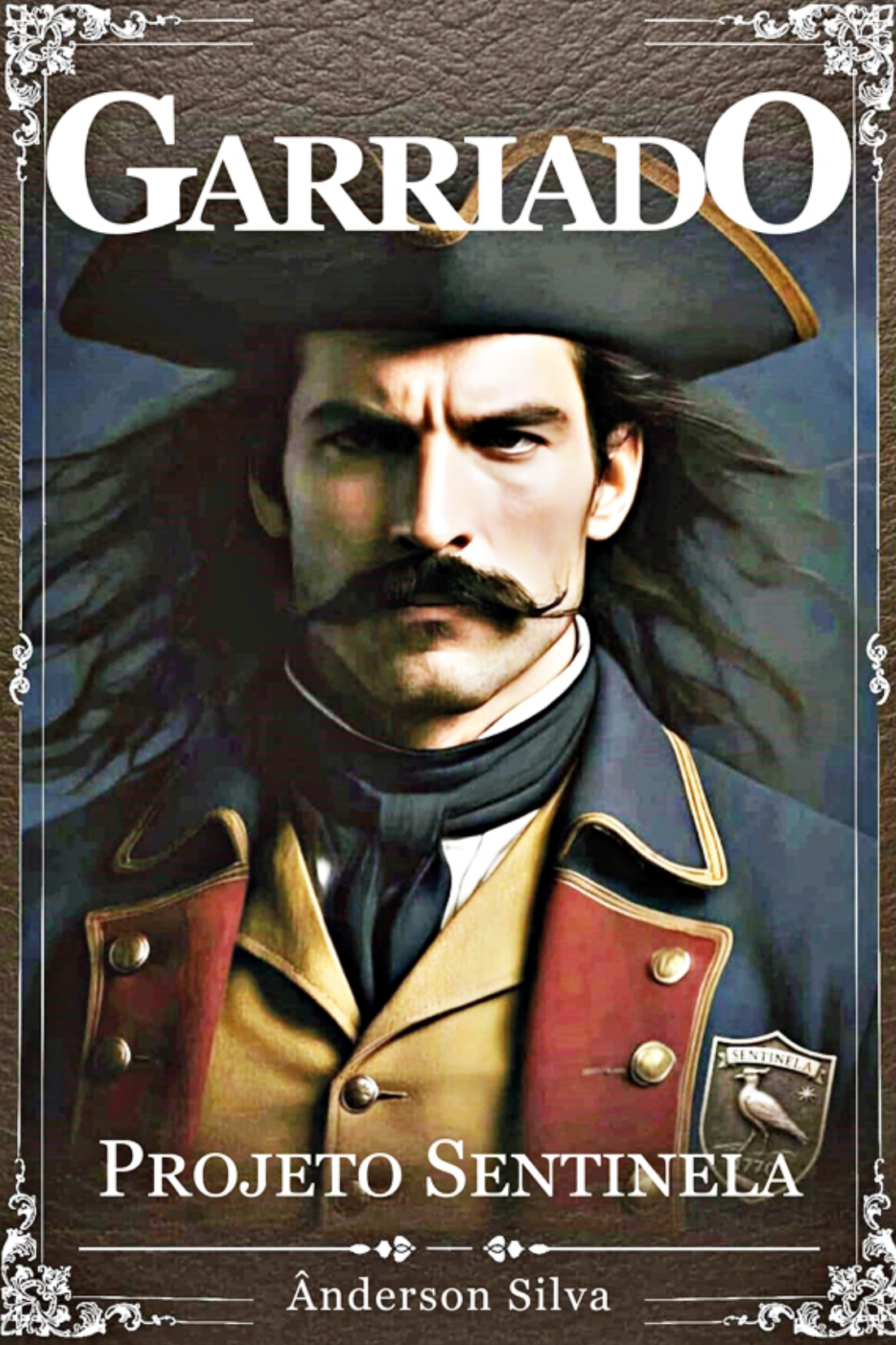


GARRIADO



PROJETO SENTINELA

Ânderson Silva

Ânderson Silva

Garriado

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2026

Copyright© 2026 Ânderson Silva

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - janeiro de 2026

Capa: o autor

Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Ilustrações feitas pelo Chat GPT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Ânderson

Garriado / Ânderson Silva. -- 1. ed. --
Campo Largo, PR : Ed. do Autor, 2026. -- (Projeto
sentinela)

ISBN 978-65-01-88821-7

1. Romance histórico brasileiro I. Título.
II. Série.

26-329327.0

CDD-B869.93081

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance histórico : Literatura brasileira
B869.93081

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



“O impedimento à ação faz avançar a ação.

Aquilo que se interpõe no caminho torna-se o caminho.”

Marco Aurélio, *Meditações*

Dedicatória

Dedico esta obra, antes de tudo, a Deus Altíssimo, fonte de toda vida, luz e verdade, que me concedeu força, inspiração e clareza para transformar silêncio, memória e dor em palavras.

À minha amada esposa, minha companheira de jornada, cujo amor, paciência e presença diária são a mais constante e viva fonte de inspiração.

À minha família e aos meus amigos, que, de formas visíveis e invisíveis, sustentaram-me nos dias de criação, dúvida e esperança.

E, por fim, aos meus antepassados, homens e mulheres que, com suor, fé, trabalho e sacrifício, ajudaram a erguer este chão chamado Rio Grande do Sul. Que esta história seja uma reverência à sua luta, à sua dignidade e ao legado que corre em nossas veias.

Sumário

Dedicatória	7
------------------------------	----------

Capítulo 1

A Genealogia de Tayó	15
As artimanhas improváveis do coração	16
Sobreviver às guerras ou morrer por amor	20
Deus escreve certo em linhas tortuosas	22
Renascido das águas	25
Um destino selado com prata e visões	28

Capítulo 2

Um legado de sangue	31
Um destino de dor e resiliência	35
O bom samaritano Guarani.	38
Estava perdido e me encontrei	40
Às guerras e suas tragédias	44

Capítulo 3

O Projeto Sentinela.	47
A reunião na fortaleza	48
As devidas apresentações	50
A primeira missão	55
Assim partiram dois homens e um destino	58
O amor proibido da sinhazinha aurora	62
AVISO REAL	63
Pela Vontade de Sua Majestade	63
Projeto Sentinela	63

Capítulo 4

A estrada para o Rincão Dourado	66
--	-----------

Uma estrada de lamentos	70
As boas novas do povoado	73
Pesadelos desgarrados.	79
A origem das garras	82

Capítulo 5

A ascensão de Garriado	85
A resiliência dos que amam	88
Presságios de mau tempo	92
É tempo de sorrir no Rincão	94
É tempo de chorar no Rincão	96

Capítulo 6

Um frágil castelo de mentiras	104
A dolorosa despedida	107
O retorno a santa bárbara da fronteira	111
Uma cortina de intrigas se desfaz.	118

Capítulo 7

Prelúdios de guerra	122
Nada oculto que não seja revelado	125
Às artimanhas secretas	127
OFÍCIO DE ELOGIO MILITAR	128
MENÇÃO DE HONRA	128
CARTA PATENTE.	134
A exumação	135

Capítulo 8

A ascensão do Capitão Raphael Tayó	140
O adeus dos bravos	142
A insurreição das almas perdidas	144
A ascensão	148

Unidos na guerra separados no amor	153
Os segredos noturnos	155

Capítulo 9

O destino traíçoeiro da festa da lealdade	157
Parte I	157
O reencontro com o olhar do diabo	159
O cavalo de tróia	164
Uma luz no crepúsculo de Aurora	168
Quem com ferro fere, com ferro será ferido	174

Capítulo 10

O destino traíçoeiro da festa da lealdade	178
Parte II	178
Uma voz na escuridão chamou por Aurora	181
O mal enfim se revela!	182
A piedade de santa clara me salvou.	186
As sombras de Alencastro Leal	188
Bocas que semeiam contendas entre os irmãos	189

Capítulo 11

Artimanhas secretas para as bandas orientais	196
O mal sobre às águas	198
O lamento de um coração quebrantado	200
Esmagando a cabeça da serpente	209

Capítulo 12

A cavalgada da morte.	214
Um olhar perdido se reencontrou	219
O retorno daquele que nunca desce	224

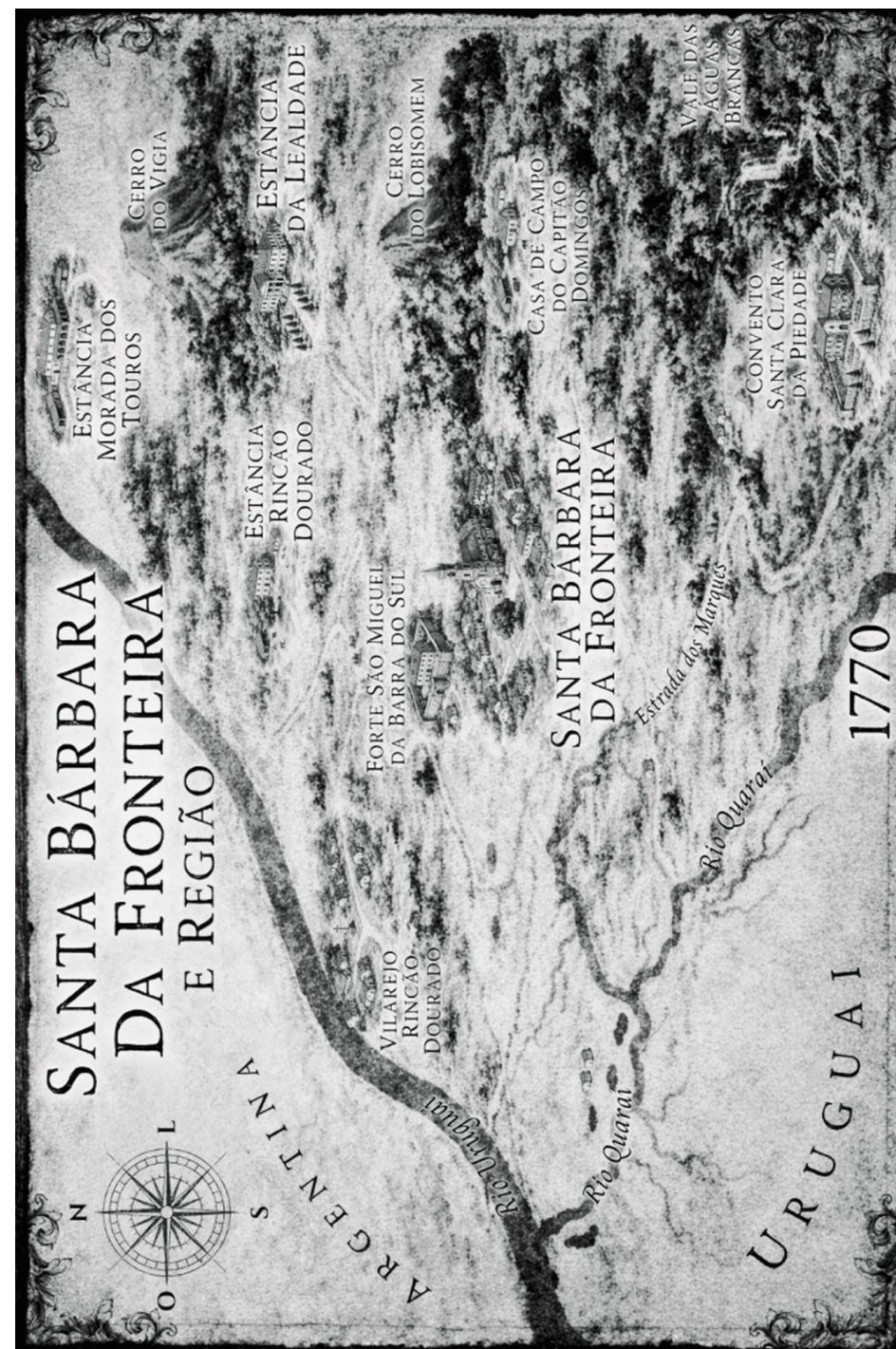
O corvo alçou voo	227
-----------------------------	-----

Capítulo 13

O clamor dos inocentes	231
Tinos do além	236
O triste despertar da sinhá Leana	242
A sina de guerras de Tayó	245

Capítulo 14

O repontar dos sentinelas	253
Um amor selado na guerra	254
A sina beligerante de Raphael	258
Os vultos de Santa Clara	261
O preço da justiça	264
Os alicerces da família cunha e freitas	266



Capítulo 1

A Genealogia de Tayó

Em meados do século XVIII, a Província de São Pedro (atual Rio Grande do Sul) era um território inóspito, marcado por conflitos constantes e disputas sangrentas. Terra onde céu e inferno se encontravam na mesma paisagem — campos silenciosos e paradisíacos, estendidos até o horizonte, manchados por sangue e por todo o horror que os homens eram capazes de causar.

Talvez fosse assim por ser um lugar esquecido, aquém dos códigos da lei e da ordem, longe dos olhos do Império. Quem sabe?

Ali, a guerra era permanente — ora declarada, ora disfarçada — e os povos missioneiros eram frequentemente alvo de escaramuças, represálias e ocupações violentas. As forças militares de Portugal e da Espanha viviam às turras, presas num emaranhado de tratados frágeis e mapas imprecisos. Falava-se em regulamentar posses, traçar divisas e firmar direitos, mas o que se multiplicava eram apenas a desordem, os órfãos e as viúvas da estupidez.

Como se não bastasse, surgiram então os bandos de salteadores: homens sem pátria nem honra, ex-soldados desertores de ambos os lados — castelhanos, portugueses, crioulos — que, misturados em grupos errantes, impunham o terror nos vilarejos. Viviam da espada e do medo, atravessando campos como pragas de guerra.

Diante desse cenário, a Coroa portuguesa respondeu como sempre: com ocupação. Enviou soldados, milicianos e colonos para marcar presença no território. Fortes militares começaram a surgir em pontos estratégicos, muralhas de pedras invadiram as paisagens campeiras prenunciando tempos de violência. Os reba-

nhos outrora selvagens compartilhavam o território com tropas encarregadas de vigiar as divisas.

Em uma dessas tropas, classificadas como milícias de fronteira, encontrava-se um jovem chamado Baltazar de Quadros, de vinte e seis anos. Naquela época, muitos dos recrutados ou chamados às armas do rei não tinham, de fato, sangue europeu, pois, em sua maioria, já eram filhos de imigrantes nascidos em terras do Estado Brasileiro. As motivações para um jovem integrar as forças do exército eram diversas: buscar redenção e honra, provar seu valor como guerreiro ou apenas sobreviver.

As razões que levaram Baltazar a estar entre os soldados não eram muito diferentes das dos demais. Cumpria uma pena alternativa por ter tirado a vida de um homem em uma luta de facas, embora tivesse agido em legítima defesa. *“Lute por cinco anos pelo Império, ou morra dentro de dois dias enforcado”* — Foram as opções oferecidas no veredito de um julgamento injusto, sem direito à ampla defesa — restando-lhe apenas uma escolha sensata.

Entretanto, o jovem soldado Quadros já servia nas fileiras do rei havia oito anos, muito além do que lhe fora imposto, porém, sem sinal da prometida remissão ou dispensa. Tinha apenas dezoito anos quando foi metido à força na guerra. Isso o incomodava em pensamentos, ainda assim permanecia entre aqueles homens por conveniência e proteção. E desta forma, entre marchas e rondas, os dias passavam para ele tornando-se meses e anos sem fim.

As artimanhas improváveis do coração

O início do inverno de 1737 foi terrivelmente cruel, e o soldado Baltazar — que, àquela altura, já se considerava preparado para os infortúnios da vida diante de tanta violência humana — precisou rever seus conceitos. Deu-se conta de que a natureza não escolhe entre bons e maus: ela tão somente segue seu curso, e os homens são apenas um detalhe frágil diante de sua impetuosa presença.

“Deus santíssimo! Os inimigos traiçoeiros são apenas parte das inclemências do fado que atribulam as almas dos que marcham sobre estes campos remotos” — escreveu Baltazar, em uma frase curta em seu diário.

Foram muitos dias de frio cortante e chuva incessante. Nos raros momentos em que a chuva dava trégua, o espírito dos solda-

dos se abalava ainda mais com a probabilidade quase certa de uma temida geada. Os homens apelidaram aquele fenômeno atmosférico de *“morte silenciosa”*. A comida era escassa, e a farda, insuficiente para aguentar o rigor daqueles ventos uivantes que penteavam os campos como se dançassem ao som de um concerto fúnebre.

Baltazar assistiu ao oficial de saúde da tropa redigindo uma carta-relatório a ser enviada ao comando. O documento descrevia com fidelidade a situação naquele momento, e dizia assim:

Relato de campanha — inverno de 1737, milícia da fronteira

Por ordem de nosso tenente, tomo registro das condições de saúde dos homens destacados sob minha companhia, em marcha desde o início do mês de junho deste ano, rumo ao interior das coxilhas fronteiriças, onde se diz haver presença de índios hostis.

As noites se mostram cada vez mais insuportáveis: a geada cobre as mantas dos cavalos e racha os lábios dos homens. Dormimos no chão úmido, sem fogo confiável, pois a lenha está sempre molhada. A maioria usa o mesmo traje desde o mês passado, com os pés embrulhados em trapos ou couro cru para tentar conter o frio.

Relato abaixo as ocorrências de enfermidades e baixas desta semana:

Soldado Gaspar do Vale: febre alta, calafrios e vômito — isolado do grupo, sem melhora visível.

Antônio Velho: dores no peito e tosse seca, agravada pelo frio da noite; suspeita-se de doença nos pulmões.

João Peres: dormia de guarda, foi encontrado com os dedos dos pés escurecidos, sem resposta ao toque — possível gangrena.

Dois homens desfaleceram pela manhã sem aviso — dormiram de barriga vazia, enrolados em estopa molhada. Estavam rígidos ao toque.

Vários soldados se queixam de fraqueza nos ossos e dor nos rins, agravadas por jornadas longas sob vento e gelo.

Rogo que tais informações cheguem ao comando do regimento para consideração urgente. Reforço de mantas, aguardente e alimentos frescos é necessidade imediata. Homens que ainda não tombaram carecem de alento antes que o gelo os tome.

Sem mais, registro este papel em nome dos vivos, temendo pelos próximos dias.

Sargento Manoel Dias — Oficial de Saúde

Milícia de Fronteira — Coxilhas do Sul

9 de julho de 1737

Foram muitos dias avançando sob condições climáticas terríveis, porém, de repente, naquele cenário mórbido, onde a moral da tropa estava mais que enfraquecida, e quando a boa-fé já havia dado lugar à triste consolação nos corações gélidos e vazios dos soldados, eis que surge uma fagulha de esperança renovada.

As nuvens de chuva partiram em direção ao oeste, deixando para trás um céu limpo e um sol brilhante que acalentava o rosto dos desafortunados. A natureza os havia açoitado como uma madrastra cruel — mas, enfim, voltara a ser uma mãe generosa.

No terceiro dia de marcha após às chuvas cessarem, seus pés ainda estavam úmidos, o frio se mantinha intenso, e o vento continuava a fazer companhia; no entanto, o calor acanhado do sol renovava-lhes o ânimo a cada nova distância percorrida.

Inesperadamente, enquanto seguiam rumo ao norte, acompanhado a linha da fronteira, depararam-se com uma aldeia charrua, localizada próxima às margens do rio Quaraí, onde suas águas se alargavam em ampla porção ao sul. Os charruas eram conhecidos por sua bravura e violência: guerreiros indomáveis, não se deixavam catequizar, domar ou escravizar.

O momento foi tenso. Todo cuidado era pouco. Enquanto o oficial da milícia negociava a compra de um bovino com os indígenas para alimentar a tropa, todos permaneciam atentos — pois os charruas, segundo diziam, costumavam tirar à força aquilo que não conseguiam pela barganha. O boato corria entre os soldados: *“Aquilo que os charruas não conseguem na prata, conseguem na adaga.”*

Entre semblantes cerrados e olhares cruzados de desconfiança, Baltazar desviou os olhos por um breve instante para a esquerda, um pouco além do acampamento. Foi então que, entre os galhos de uma árvore intensamente florida — o que lhe chamou a atenção, já que não era época para florescer — avistou uma jovem mulher charrua.

Ela tinha longos cabelos castanho-escuros e trajava vestes feitas de peles de guanaco e veado, cingidas com faixas de couro cru. A cabeça era adornada com tiras de pele macia, e a pintura corporal típica de seu povo conferia-lhe um charme exótico. Seu rosto apresentava maçãs fartas e delicadas.



Baltazar não conseguiu disfarçar o olhar. Sorrindo discretamente, deixou claro que estava encantado. Ela não era como as mulheres de origem europeia que ele conhecera até então. Contudo, o enamorou à distância — e ela, por sua vez, lhe retribuiu o mesmo sentimento. Porém, a tropa logo partiu, e entre os dois restaram apenas olhares suspensos no tempo — como promessas que nunca chegaram a ser ditas.

Sobreviver às guerras ou morrer por amor

Os soldados continuavam rumando em direção ao norte. O tenente havia previsto mais seis dias de marcha montada, calculando os intervalos de descanso. Seu objetivo era alcançar o forte fronteiro de São Miguel da Barra do Sul antes que o mês de junho se findasse — onde então reforçariam a guarnição.

Os cavalos mantinham uma marcha de conservação cadenciada, a fim de cobrir a distância em tempo hábil — nem lenta a ponto de entediar os homens, nem célere a ponto de sacrificar o fôlego dos animais. E, nesse compasso de patas, o pensamento de Baltazar voava longe, até repousar naquele lugar de outrora, entre os galhos da árvore que se enfeitava de flores e peles sob a visão invernal.

Naturalmente, Baltazar começou a fazer aquilo que um coração indômito sabe fazer de melhor: questionar as circunstâncias da vida.

O que seria mais importante para o homem — a vida ou a liberdade? Essa discussão parecia não fazer sentido, pois, embora separadas por definição, essas duas coisas estão intimamente ligadas por sua essência e valor indissociável, o que torna tal dilema um debate sem fim.

A liberdade é uma necessidade, um ávido anseio, uma busca incessante da própria natureza, da qual o homem não consegue despojar-se deliberadamente.

Já a vida é algo que recebemos sem que fosse necessário pedir. E, por vezes, mesmo sem liberdade, somos impedidos de renunciar à própria condição por um mecanismo de defesa intracromossômico, inerente à condição humana.

No entanto, os humanos são a única espécie capaz de ludibriar a própria alma e questionar sua existência, o que torna tudo ainda mais complexo. Há quem afirme que, sem liberdade, não há motivos para continuar vivo; porém, esquecem-se de outra característica essencial ao homem: a esperança.

Pois, no fim das contas, o que pesará no fiel da balança será o quanto o homem é capaz de sonhar em estar livre ou, ao menos, em permanecer vivo. Em outras palavras, o que determinará sua escolha será o tamanho de sua vontade — e de sua fé. E disso, o jovem Baltazar estava repleto.

Procurando ficar para trás, mais afastado do grupo, Baltazar realizou um pequeno concílio com seus dois amigos mais fiéis. Lourenço Braga, um padre missioneiro que ingressara nas tropas movido pelo desejo de defender o povo guarani — e, assim, tornara-se lenda entre aquele povo — constantemente dizia a si mesmo: *“Se o crucifixo não defende o índio, então o mosquete vai.”*

Seu outro amigo fiel era Miguel Quirino, um negro livre, filho de angolanos, que havia entrado para a tropa para provar seu valor como guerreiro. Tinha a honra e a reputação como símbolos, usava um medalhão de São Sebastião no peito, e repetia sempre aos que insinuavam qualquer distinção por causa de sua cor: *“No galope da cavalaria não tem cor, só bravura.”*

Então, tomando coragem, Baltazar disse aos seus dois companheiros:

— Amigos de farda... quero que saibais que estou inclinado a deixar estas fileiras, e muito me agradaria que vós dois estivésseis comigo. Que me dizeis?

Miguel foi o primeiro a responder, dizendo:

— Estás louco, Baltazar!? Bem sabes que sou homem de honra e sirvo ao exército do Rei!

— Realeza! Estás a falar-me de reis e de honra? — Retrucou Baltazar de imediato, e prosseguiu: — Este mesmo rei Dom João V, que nem mesmo sabe onde ficam estes fins de mundo? Eu também tenho honra! Já cumpri meu dever para com a Coroa, e ainda assim estou aqui, à mercê dos acasos... quero escrever meu próprio destino.

Um silêncio perdurou no ar por alguns instantes. Então, Miguel retirou o medalhão de São Sebastião que trazia ao peito e o entregou a Baltazar, dizendo:

— Vai, então, meu amigo... Que São Bastião te proteja no teu caminho, pois este teu irmão de farda não poderá seguir contigo.

O padre Lourenço permaneceu em silêncio durante todo o tempo, mas ao final resmungou, em tom grave:

— Deixa estar, Baltazar... quando a hora chegar, saberei se irei contigo.

E os três seguiram em silêncio, observando os campos e os demais pela retaguarda — sempre em estado de alerta, que nunca conhecia descanso.

Deus escreve certo em linhas tortuosas

Tinham-se passado dois dias desde o encontro com os charruas, e o jovem Baltazar realizava orações em segredo com frequência, rogando a Deus por uma intervenção que lhe permitisse escapar de forma estratégica, sem deixar rastros — mas nada lhe vinha à mente.

Quanto mais se afastavam, mais a angústia lhe aumentava; e, sendo assim, o temor e as dúvidas começaram a ensaiar suas peças com frequência no palco aberto de sua imaginação.

“O que estou fazendo? Não sei sequer o nome dela... provavelmente é comprometida, ou, sabe-se lá, se ainda lembra de mim” — pensava ele quase incessantemente.

Entretanto, quando um coração sincero pede algo a Deus, precisa ter consciência de que pode ser atendido. Porém, em quais circunstâncias isso ocorrerá, já é matéria de outra ordem.

O tenente havia observado um lugar apropriado para montar acampamento. O local ficava à beira de um riacho que desaguava no rio Quaraí, bem próximo de sua afluência.

Por ordem do oficial, desmontaram e dividiram-se em dois grupos: o primeiro, mais numeroso, se incumbiu de montar acampamento na mata ciliar que protegia o riacho; o outro grupo, menor, levou os animais até a água para matar a sede e se refrescar. Tudo parecia tranquilo. Baltazar e seus dois amigos — o negro Miguel e o padre Lourenço — estavam sempre juntos, e ficaram à

beira do rio, onde era mais raso, com a água até as canelas, cuidando dos cavalos.

Padre Lourenço, que era mais velho e experiente, notou algo que não parecia certo: alguns cavalos estavam inquietos, e a cuscada que acompanhava o grupo começou a rosnar em direção ao mato. De súbito, uma revoada de quero-queros, com seu alarde estridente, rompeu a estreita faixa de céu azul sobre suas cabeças. Um grande estampido — parecendo um trovão — veio com rastro de fogo e fumaça do arvoredo.

Miguel, que ria no momento, bem ao lado de Baltazar, contando um de seus causos suspeitos de brigas, foi o primeiro a ser atingido. O tiro lhe arrancou parte do pescoço à esquerda, e um jato potente de sangue quente esguichou, cobrindo o rosto de Baltazar, que ficou atordoado e com a vista encharcada de vermelho.

Um grupo pequeno de militares espanhóis investira em emboscada, calculando erroneamente que estariam em vantagem, pois haviam levado em conta apenas os homens que estavam na água. A resposta veio em seguida, e a confusão tornou-se generalizada. Com portugueses à frente e por trás, encurralaram os espanhóis entre duas linhas de fogo — porém, a fumaça dos mosquetões e bacamartes era imensa, como uma neblina suja, com cheiro de pólvora e enxofre.

Os homens se misturaram no meio da confusão. O padre Lourenço agarrou Baltazar pelo colarinho e gritou-lhe ao ouvido:

— Te manda daqui, Baltazar! Esta é tua oportunidade, te vás! Deixa teu mosquete comigo e salta na água, a corrente te levará!

— Miguel está morto! — Respondeu Baltazar, ainda trans-tornado.

— Sim, está! Era o destino de honra que ele sempre quis. Agora te vá! — Exclamou Lourenço, empurrando-o para dentro da fumaça, em direção à parte mais profunda do rio. Então, Baltazar sumiu no meio do entrevero.

Os espanhóis restantes bateram em retirada, e, algum tempo depois, os mais graduados procederam à contagem das baixas. Demorou-se a notar a ausência de Baltazar; no entanto, o padre Lourenço encontrou somente seu mosquete nas águas do rio, e, muito abalado, sugeriu que o amigo havia tombado junto com Miguel, sendo levado pela correnteza.

De imediato, o oficial pareceu duvidar da versão apresentada por Miguel sobre o sumiço do corpo de Baltazar — “se é que realmente estava morto”, pensou o tenente, cada vez mais intrigado...

Ordenou então que os soldados fizessem uma busca junto às margens em busca do falecido, Miguel começou a ficar nervoso, até que de repente, um corpo de outro soldado foi encontrado logo em seguida, enroscado nos galhos das margens, a considerável distância do local do confronto. Logo, consideraram que Baltazar, igualmente fora levado pela correnteza, fortalecendo a versão sugerida por Miguel, e, desta forma, foi dado por morto — presumidamente em combate.

Dias após o ocorrido, já estabelecidos no Forte São Miguel da Barra do Sul, o oficial responsável redigiu o termo oficial de óbito de Baltazar, que dizia assim:

Exército de Sua Majestade Fidelíssima – Companhia de Milícia de Fronteira

Forte de São Miguel da Barra do Sul, 20 de junho de 1737

Registro n.º 018 – Termo de Morte Presumida em Combate

*Aos vinte dias do mês de junho do presente ano de mil setecentos e trinta e sete, lavro, por ordem de comando e sob minha responsabilidade, o presente termo de **registro de morte presumida** em combate do soldado **Baltazar de Quadros Ribeiro**, pertencente a esta Companhia de Milícia de Fronteira, natural da Província de São Pedro.*

No dia quinze do mesmo mês, durante deslocamento pela região de coxilhas e matas baixas, a tropa fora dividida por ordem estratégica: um destacamento permaneceu em acampamento, e outro, menor, dirigiu-se às margens de um riacho afluente do rio Quaraí, com o fim de des-sedentar os animais.

O destacamento foi surpreendido por investida de força inimiga de bandeira espanhola, desencadeando-se combate imediato. O soldado Miguel Quirino foi atingido mortalmente, sendo seu corpo recuperado. Durante a contagem de homens ao fim da escaramuça, notou-se a ausência do soldado Baltazar, cuja arma foi posteriormente encontrada parcialmente submersa nas águas do rio, sem sinal de seu paradeiro.

Considerando o local do confronto, a força da correnteza, o relato prestado pelo padre Lourenço Braga (único sobrevivente próximo no momento), bem como o tempo decorrido e a ausência de qualquer vestígio adicional, presume-se que o soldado Baltazar tenha sido atingido durante a troca de fogo e que, tombando ferido, foi arrastado pelas águas.

Declaro, por fim, em conformidade com os preceitos militares e sob a fé dos fatos aqui expostos, a morte presumida do soldado Baltazar de Quadros Ribeiro, a contar do dia 15 de junho de 1737.

Que este termo fique lavrado para os registros desta companhia e em homenagem à memória de um servidor fiel da Coroa.

Tenente Antônio da Rocha Leme

Oficial Comandante da Companhia de Milícia de Fronteira

Forte de São Miguel da Barra do Sul

Desta feita, o jovem Baltazar estava oficialmente morto — ao menos, aos olhos de Vossa Majestade.

Renascido das águas

Os companheiros de marcha lamentaram sua partida precoce, embora soubessem que esse era o destino que muitos irmãos de armas poderiam sofrer a qualquer instante — porquanto esta é a sina que ronda aqueles que vestem a farda.

Enquanto isso, longe das lembranças dos que permaneceram, Baltazar descia o rio, preso a uma corrente pesada e traiçoeira. Sabia que aquelas águas pardacentas escondiam perigos tão fatais quanto as emboscadas — não obstante, deixou-se levar o quanto mais longe possível, pois alguns dos soldados poderiam retornar a cavalo, buscando-o pelas beiradas.

Avistou um banco de areia próximo à margem da Banda Oriental, e nadou em sua direção. Escondeu-se por um tempo na mata, longe de qualquer observador. Seus músculos estavam fatigados, mas não podia se dar ao luxo de descansar ali; os olhos arregalados, cheios de adrenalina, percorriam as sombras da floresta, onde as silhuetas pareciam vultos à espreita.

Tratou de recompor o controle:

— Estou a salvo. Estou a salvo. Calma-te, Baltazar... calma-te!
— Repetia em voz alta para si mesmo.

Quando os batimentos cardíacos enfim se acalmaram, concentrou-se em verificar o que conseguira salvar de seus suprimentos.

Sua farda contava com um talabarte de couro cruzado sobre os ombros, onde ficavam espécies de bolsos. A pólvora havia-se perdido, mas suas economias estavam todas ali. Baltazar recebia — quando recebia — meros cinco mil réis por mês, quantia mal suficiente para comprar um par de botas novas; mesmo assim, juntara durante meses um valor razoável.

Ao todo, salvou sua espada, uma adaga curta, uma cartucheira com projéteis e uma bolsa presa ao cinto com utensílios pessoais de sobrevivência: talheres, pederneira, rações encharcadas e um cantil. Escondeu no mato o casaco militar, que facilmente o denunciaria, e começou a trilhar rumo ao sul, protegendo-se junto à mata, ao longo da costa do rio Quaraí.

Foram dias de caminhada. Estava exausto, sem comida, com pouca roupa para enfrentar os ventos do dia e o sereno gelado da noite. Mas, com determinação, conseguiu chegar ao ponto onde haviam encontrado os charruas — porém, não havia mais nada no local, considerando ter agido em vão, soltou um suspiro de lamento.

Desolado e cansado, sentou-se ao pé de uma antiga figueira-brava majestosa, protegendo-se entre as raízes daquela árvore que brotavam do chão como dedos gigantes de uma mão divina — e ali adormeceu.

Do outro lado de uma floresta próxima daquele local, crianças charruas chamavam uma jovem mulher que coletava mel silvestre, dizendo em sua língua:

— Venha, venha, Naraí! Veja o homem que saiu das raízes da árvore!

Ela, por sua vez, orientou as crianças a não voltarem. Estava receosa e desconfiada, pois dias antes uma milícia de fronteira os havia avistado. Por sorte, apenas queriam negociar um animal para abate. Por segurança, em razão do incidente, seu grupo deslocou-se para o outro lado da mata, na banda oriental, onde ficariam melhor protegidos dos olhares dos homens que cruzavam o local.

